



PAPEL DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Gisele Braile Turquino

Investigando ideias e propostas para a construção da cidadania é possível encontrar o objetivo maior de toda a educação escolar: formar cidadãos autônomos, capazes de atuar com competência e dignidade no exercício de seus direitos e deveres, assumindo a valorização da cultura de sua própria comunidade.

Como um estudo sistematizado da cultura poderia contribuir para a educação e a construção da cidadania? Haveria um conceito adequado, que pudesse permitir a ampliação dos nossos horizontes nessa reflexão?

A cultura e a educação têm relações profundas que precisam ser consideradas. Erny (1982. p.10) explica que, desde a mais tenra idade, a criança recebe das gerações adultas as ações educativas que são expressas sob a condição de uma “educação formal”. Os adultos creem na sua eficácia, consideram-na “como sendo a verdadeira educação”, tendo como objetivo maior “fazer penetrar na criança as influências em conformidade com a imagem ideal que cada sociedade faz de sua natureza e de sua missão”.

Mas, além das ações “ditas formais” aplicadas pela educação, é importante entender a ação educativa exercida pelo grupo de pertença no cotidiano e nas experiências de vida, que age de forma sutil sobre a criança, acontecendo de maneira que seus interessados dela não se dão conta, em interações que se confundem com a vida concreta do grupo.

A escola torna-se o espaço “privilegiado da educação formal”, enquanto as ações cotidianas de convivência “na família, no grupo dos pares, na rua” fazem a socialização¹ das crianças de maneira abrangente, inconsciente e informal. Essa realidade não pode ser desconsiderada pela pedagogia, que não pode prescindir da cultura para embasar o entendimento das relações que se estabelecem na prática educativa de qualquer sociedade. Dessa forma, para Erny, a socialização e educação não são sinônimos perfeitos: a primeira é abrangente e integra o inconsciente e o informal, enquanto a segunda apresenta conotações formais.

Sociedade e cultura operam na construção do indivíduo, a primeira organizando e estruturando os grupos humanos, a segunda imprimindo as maneiras de viver e de pensar. A socialização da criança representa, então, um “encadeamento de processos através dos quais o indivíduo torna-se membro da sua sociedade” (ERNY, 1982, p.17), estando necessariamente ao lado dos processos de endoculturação²/aculturação³/inculturação, tornando o indivíduo portador de uma visão de mundo de acordo com sua cultura.

Para Erny (1982, p.82), há uma relação dinâmica entre os “comportamentos individuais” em termos de “respostas intelectuais e emocionais”, de acordo com o meio em que se vive. Assim, cada sociedade caracteriza-se pelos estilos de vida que marcam seus membros, personalizando-os. Estilos configurados desde a infância expressam um “tipo de comportamento, uma determinada estrutura psíquica e atitudes” que persistem no adulto.

Em tempos de sociedade tecnológica e urbana, quando as mudanças socioculturais são rápidas e profundas, o interesse por estudos da cultura⁴ se acentua, em especial no que se refere ao caso da educação. Ao conhecer contextos nos quais sobressaem diferentes visões de mundo, é possível encontrar pistas que indicam o sentido que a educação representa para a vida de um grupo.

A cultura é para nós o que a água é para o peixe. [...] É na cultura que se geram a consciência e o pensamento. Nós somos paridos pela cultura; vivemos dentro e ela é o ambiente humano. (PANTOJA, 1999).

Interessante observar o quanto somos dependentes e estamos ligados à cultura. Não é possível pensar num ser humano apartado dela. Estudos que remontam às nossas origens revelam que o homem é o ser que mais depende de mecanismos culturais para organizar seu comportamento. Na própria evolução biológica que sofremos, há também uma evolução cultural ocorrida em concomitância. Podemos, então, pensar na cultura como algo que, ao invés de ter sido acrescentada a um ser pronto, é constitutiva desse ser, num processo que ainda está se realizando.

Para Geertz (1989, p.59), a cultura exerce um conjunto de “mecanismos de controle para governar o comportamento”. Segundo o autor, o homem é o ser que “mais desesperadamente depende destes mecanismos”, como imposições vindas de fora para dentro.

Assim organiza-se o comportamento humano, definindo o homem como um ser cultural: a própria evolução biológica/cerebral do homínido passou por uma evolução cultural, concomitantemente, tornando-se condição essencial para tal evolução.

A cultura é algo que, ao contrário de ter sido “acrescentada” a um ser biologicamente ou fisicamente pronto, é constitutiva desse ser, num processo evolutivo que ainda se está realizando: “somos animais incompletos e inacabados, que nos completamos e acabamos através da cultura”. (GEERTZ, 1989, p.62) Na imensa plasticidade e diversidade de suas construções culturais é que acontece a dependência do humano à cultura. Portanto, é frágil a fronteira entre o que é inato e o que é cultural no comportamento humano.

APRENDENDO A SER CIDADÃO

Muito cedo a criança recebe das gerações adultas ações educativas, pela família e pela escola. São ações formais e informais, que têm como objetivo transmitir à criança valores em conformidade com a imagem que cada sociedade faz de sua própria natureza e missão.

Exemplos dessa relação são apresentados por Erik Erikson (1976) na descrição emocionante da vida dos índios Sioux e Yurok, contrapondo-os à cultura do homem ocidental da sociedade americana. É possível, por meio desse estudo, entender como o meio ambiente, a sociedade e a cultura operam na socialização do indivíduo no processo de enculturação⁵ que se inicia desde o nascimento da criança, imprimindo-lhe de forma marcante a visão de mundo pertencente a cada povo: o americano, competitivo e individualista; o Sioux, um caçador de búfalos na pradaria, e o Yurok, um alegre comedor de salmão. Essas características personalíssimas são expressas mediante os símbolos e as crenças, a relação com a natureza e com o outro, sendo adquiridas pelo indivíduo por meio das regras e proibições, dos condicionamentos corporais nas relações familiares e grupais.

O homem corresponde à imagem de sua cultura no sentido de que é, ao mesmo tempo, seu criador e seu efeito, sua resultante.

Além das ações educativas citadas, é importante ressaltar a ação exercida pelo grupo ao qual a criança pertence no cotidiano, nas experiências de vida, em interações das quais não nos damos conta, confundindo-se com a vida concreta do grupo. Essas ações cotidianas de convivência entre seus pares e na comunidade realizam a socialização da criança de modo abrangente e informal.

A socialização e educação representam, então, encadeamentos de processos pelos quais o indivíduo torna-se membro da sua sociedade, portador de uma visão de mundo de acordo com a sua cultura.

Nesse sentido, ser cidadão é algo peculiar, que se aprende. Um papel social intimamente relacionado com os valores culturais da sociedade à qual o indivíduo pertence, adquiridos pela educação – formal e informal.

A cidadania não se dá como algo natural e inato nas pessoas, é construída. A cultura é um alicerce para realizar tal tarefa. É pelo seu fortalecimento e valorização que se desenvolve nas pessoas o sentimento de pertencer, o que é uma base para a cidadania. Por isso a necessidade de reforçarmos em nosso ambiente cultural, na casa e na escola, os valores democráticos e humanísticos.

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2000, p. 47)

Pensar-se e sentir-se pertencente a um lugar – uma família, uma origem, uma escola, uma comunidade – possibilita que a pessoa desenvolva as referências que lhe conferem a construção da própria identidade e participação na vida social, um dos primeiros passos para aprender o papel de ser cidadão. Somente por meio do reconhecimento mútuo da importância recíproca entre indivíduo e grupo é que se desenvolvem as ligações entre a vida individual e comunitária, o verdadeiro sentido da cidadania numa sociedade democrática e não excludente.

EDUCANDO PARA A CIDADANIA NA FAMÍLIA

Muito se tem discutido a respeito do papel da família na educação das crianças na atualidade, em especial por conta de tantas mudanças socioculturais que vêm alterando a estrutura e o funcionamento dos lares. Apesar delas, a sociedade do terceiro milênio, da tecnologia e do avanço do conhecimento vem percebendo que não há outra forma de criar os filhos, senão por meio da família.

Indiscutivelmente é o primeiro mundo da criança, o lugar onde se tem a oportunidade de desenvolver a afetividade, o aconchego, a proximidade das relações humanas. É também um lugar de conflitos, de aprendizagem de limites, de reconhecimento de erros e de reconciliação. Esses são os ingredientes que temperam as relações e são inerentes ao crescimento da pessoa em formação. A partir de uma convivência familiar próxima e afetuosa, a criança desenvolve o sentimento de pertencer, estruturando-se como pessoa humana sadia e equilibrada, construindo sua autoestima e identidade.

Contudo, são numerosas as dúvidas e os questionamentos que envolvem os pais diante da árdua tarefa do educador:

Como educá-los com equilíbrio? Como estruturar e manter diálogos, ajudando-os na sua estruturação? Como possibilitar que a família seja um porto seguro, onde crianças e jovens possam alcançar refúgio diante de tantos perigos a enfrentar no mundo? Como transmitir-lhes valores?

– A gente só conhece em as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!

– Que é preciso fazer? Perguntou o príncipezinho.

– É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentirás mais perto...

– Eis meu segredo, disse a raposa. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. (SAINT-EXUPERY, 2000).

Entre as várias respostas para essas perguntas, gostaria de propor algumas ideias possíveis de serem postas em prática e que, inclusive, tornaram-se um pouco esquecidas diante de tantos afazeres e compromissos que a vida moderna nos impõe.

A criança precisa de referência da família e de certeza de pertencer a ela.

A primeira ideia que surge é o resgate de brincadeiras vividas em nossa própria infância, que podem ser prazerosas quando lembradas e partilhadas com as crianças. Nesses momentos de lazer e aconchego, é possível redescobrir como é gostoso fazer bonecos de massa de pão, brincadeiras de pipa e de peão, ou ainda fazer juntos bonecas de pano costuradas à mão. Assim, criam-se laços de proximidade e intimidade entre a criança e o adulto.

É muito importante, também, quando pais, avós e parentes mais próximos podem contar-lhe histórias que revelam as origens dos antepassados, dos lugares e da maneira como viveram. Ao contar a própria história, os pais permitem que a criança conheça a sua origem e criam-se laços profundos e duradouros. O pequeno sente então que pode contar com o adulto, com a autoridade de quem vivenciou todos os fatos que lhe dão a referência de continuidade e filiação. É nessas pequenas e ao mesmo tempo grandes atitudes vividas na convivência familiar durante a infância que se lançam bases para que o adolescente recorra primeiro à família, diante dos problemas próprios da idade.

...ter a certeza de poder contar com a família, não significa pertencer a uma família perfeita, onde tudo dá certo sempre. Significa, mais que isso, pertencer a uma família que se une em prol daquele que precisa, no momento que ela precisa. (IGNOTI, 1999, p. 36).

EDUCANDO PARA A CIDADANIA NA ESCOLA

São inúmeros os desafios que se interpõem à tarefa de educar nos dias de hoje. Informação e conhecimento transformaram-se no fator produtivo mais importante e no contexto trazido pelas mudanças econômicas de nossos tempos. Para poder participar dos frutos do progresso tecnológico, não basta acesso a eles, mas competência e habilidade para bem usá-los em benefício de todos. Tornamo-nos aprendizes na sociedade do conhecimento; cada vez mais é preciso saber lidar com novas situações que se apresentam no cotidiano profissional e comunitário. Exige-se não apenas o saber técnico, mas também uma maior capacidade de relacionamento humano, de trabalho grupal e interativo.

Nesse contexto, desafios estendem-se à sala de aula. Mais que nunca, ensinar e aprender revestem-se de importância que vão além de simplesmente “passar a matéria” e “armazenar” saberes prontos.

Mas que ideia podem contribuir, para que a árdua tarefa de ensinar e aprender possa ser compartilhada de maneira eficaz e estimulante?

A primeira, entre várias que vem à mente, é a de que ensinar e aprender podem promover uma verdadeira aproximação humana – um encontro entre professor e aluno, proporcionados pela riqueza de relações que daí se estabelecem. Ensinar e aprender voltam-se para o homem, para o ser humano. Apontam para o concreto; é preciso considerar o contexto no qual o educando se insere, assumindo a tarefa de caminhar juntos para alcançar um objetivo maior.

O desafio é a descoberta do prazer em aprender e conhecer, é o caminho da construção da pessoa. Não se trata apenas de domínio de conteúdos, mas também uma formação baseada em valores humanísticos que traduzam atitudes do bem viver em comunidade.

Pensamos nas possibilidades que se apresentam em termos de relações humanas numa sala de aula e em todos os desafios que brotam do compromisso de educar, respeitando-se as diferenças, equilibrando-se a autoridade, estimulando-se a criatividade e a responsabilidade, elegendo-se regras de convivência a partir da vontade e deliberação do grupo. Talvez seja esse um caminho para ser percorrido por professores e alunos juntos – aprendizes constantes do que é tornar-se humano e do que é construir democracia.

CULTURA LOCAL E CULTURA GLOBAL

Preservar não é congelar. Cultura que se perpetua é aquela que se modifica. (HELVÉCIA, 2002, p. 23).

A facilidade de estabelecer contato com diferentes realidades culturais em nossos dias transformou o planeta, conforme profetizado no século XX.

Essa nova realidade permite amplas possibilidades: conhecer novos lugares, diferentes padrões de consumo, novas demandas, novos conceitos de desenvolvimento.

Como consequência, surgem oportunidades e desafios para a comunidade: valorizar e transmitir a cultura do meio social, construindo sua própria identidade, e, ao mesmo tempo, lidar com o que é novo e diferente, em um autêntico processo de transformação cultural.

Como encontrar caminhos para desenvolver essa tarefa?

Uma primeira atitude é adotar uma postura de pensar e preservar a cultura local, sem esquecer que é preciso acompanhar os acontecimentos, conectando-se ao mundo global. Visto sob essa óptica, o que é local pode e deve apresentar ganhos de qualidade, transformando-se em novas fontes de atividades produtivas para a comunidade: ambiente preservado, estímulo a produções regionais, fontes de pesquisa e produção de conhecimento, resgate histórico social, entre outras.

Qual o papel da escola nesse contexto?

Possibilitar ao jovem uma leitura do mundo, levando-o a reconhecer o que é pertencente ao seu ambiente cultural e o que é externo. A partir disso, torna-se possível o processo de identidade coletiva, base para a perpetuação cultural, o que não significa evidentemente uma estagnação, mas sim um processo de transformação consciente do ambiente cultural, inclusive capaz de respeitar e conviver com diferenças.

O RURAL PRESENTE NA ESCOLA: REFLEXÕES PARA A CIDADANIA

É visível a dificuldade enfrentada pelo homem do campo no que se refere à escolarização e às exigências que a sociedade moderna acaba lhe impondo. É difícil o acesso à escola, é difícil aprender pelas linguagens e rituais da escola, é difícil aplicar em seu cotidiano os conteúdos escolares aprendidos, é difícil vencer a distância entre a cultura escolar e a sua própria cultura. Tais dificuldades desdobram-se em outras: baixa escolaridade, mau uso de tecnologia, degradação ambiental, degradação da qualidade de vida.

Entre as diversas situações vivenciadas em meu trabalho de engenheira agrônoma e professora, um fato me marcou. Aconteceu com um senhor, o “seu” Toninho, parceiro rural e cafeicultor, pai de adolescentes. Numa das visitas que lhe fiz, este senhor relatou-me que sofria com a seca, que havia diminuído tanto a água da mina que já estava há três meses abastecendo-se da água cedida por um

vizinho para o consumo da casa. Quando andávamos pela lavoura, o “seu” Toninho mostrou-me uma erosão de três metros de profundidade e o problema que vinha enfrentando.

Expliquei-lhe, então, desenhando num papel como é o ciclo da água, como se formam as minas e como aquela erosão e o solo compactado prejudicavam não só a sua vida, mas o ambiente de toda aquela região.

Passaram-se duas semanas e, no meu retorno, o “seu” Toninho me fez entrar e tomar assento com sua família à mesa da cozinha. Falou-me da importância das explicações que lhe dera e, “se não fosse incômodo para a professora,” que desenhasse novamente o ciclo da água. Refiz o desenho e percebi que sua filha adolescente observava atentamente.

Ela se levantou e saiu, voltando em seguida com um livro didático aberto num desenho esquemático do ciclo da água. “É isto que a senhora está ensinando ao meu pai?” Respondi que sim, mostrando o desenho que o pai tinha na mão e o desenho do livro, comparando-os. Terminada a explicação, pude perceber que os olhos de “seu” Toninho estavam cheios de lágrima.

Para ele, o conhecimento próprio dos livros e, com ele, o entendimento de certas coisas do seu cotidiano poderia ter chegado antes. Então, contou-me de todo o seu esforço para “estudar a menina”, que diariamente sai de manhãzinha para ir à escola, no patrimônio, falou de sua luta para proporcionar aos filhos aquilo que ele não teve.

Esse fato me fez atentar mais para o que está acontecendo com muitas crianças e adolescentes rurais que nos últimos anos tiveram suas escolas fechadas no interior e estão sendo levados para estudar em escolas urbanas, expostos a valores urbanos, à influência da televisão, à desvalorização do seu mundo, à ilusão de que na cidade tudo vai melhorar... Essas imagens são exemplos das guerras culturais que acontecem na sociedade em que vivemos.

Um trabalho de transformação das condições de vida do homem rural brasileiro, segundo Antonio Candido (1980), não pode fiar-se apenas em tecnologias agrônômicas, estudos de economia ou enunciados políticos; ele precisa também, ou principalmente, levar em consideração a cultura do rurícola.

Como um estudo da cultura pode contribuir com a inclusão dessa população na escola e na sociedade? E a escola, pode beneficiar-se em trabalhar a inclusão de grupos culturalmente diversos?

Fazer um confronto das duas realidades culturais que podem coexistir na escola vai muito além de uma abordagem folclórica sobre a cultura. Nesse tipo de abordagem, a cultura rural é, às vezes, estandardizada ou estigmatizada, nas festas juninas, nas fantasias de “caipira,” nas alusões ao “Jeca Tatu” ou nas comemorações das ditas “semanas culturais”, tão a gosto das escolas urbanas.

A escola identifica-se com a cultura ocidental, que é sempre homogeneizadora, ordenadora, pragmática e, conforme Porto (1999), agindo como aparelho de reprodução do pensamento ocidental, num modelo de educação que não integra a diversidade.

É possível fazer constatações que ampliam a noção de educação seguindo por outro caminho.

Fazer uma leitura de realidades culturais – rural e urbana – presentes nas escolas alicerçadas nos valores desses grupos são caminhos para enriquecer o cotidiano escolar. Nas suas semelhanças e diferenças, esses grupos nos indicam diversos ângulos de visão para o significado da educação e da escola.

A vida rural e a cultura caipira, conforme descreve Antonio Candido, têm uma grande riqueza de valores que pode ser de muita valia para a educação e a escola.

A proximidade e a solidariedade das famílias estudadas pelo autor constituíam vínculos motivados pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas.

Ressalta o autor que o bairro é conceituado pela base territorial que representa “a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando certa unidade” (PORTO, 1999, p.65) e onde “a convivência entre eles” é expressão da “proximidade física e da necessidade de cooperação”. O bairro era para o caipira tradicional uma pequena nação. Daí brotavam as formas de solidariedade, expressas nas várias formas de convivência, nas festividades, mas sobretudo no trabalho coletivo.

No bairro havia a participação dos moradores em “trabalhos de ajuda mútua”, com uma “obrigação bilateral” dos seus membros em convocar e ser convocado para as atividades.

A manifestação que melhor caracterizava essas relações era a prática do *mutirão*, com que a vizinhança reunia-se nas atividades da lavoura e nas tarefas da indústria doméstica, solucionando eventuais problemas de mão de obra, além de constituir um aspecto festivo, que bem caracterizava o modo de ser do caipira.

Como explica o autor, o mutirão é uma “reunião de vizinhos convocados por um deles a fim de efetuar determinado trabalho” (PORTO, 1999, p.68). Não havia qualquer espécie de remuneração pelas tarefas realizadas, que variavam entre carpa, roçada, colheita ou malhação etc., a não ser a “obrigação moral” do “beneficiário de corresponder aos chamados” que eventualmente lhe faziam os companheiros do bairro. Eram ocasiões de trabalho pesado e apressado que às vezes podia durar dias. Terminava sempre com festa oferecida pelo dono da roça, com fartura de alimento, dança e cantoria.

Eram expressões do auxílio vicinal, resultante de uma rede de relações em que a solidariedade e a confiança aparecem, ligando os habitantes uns aos outros e contribuindo para a unidade estrutural daquele tipo de vida social. Em outras palavras, são mostras dos valores desse grupo social.

A escola é um valor também para o homem rural. Basta entender a lágrima do “seu” Toninho, ou a palavra do caipira Antônio Cícero proseando com Brandão (1987, p.8): “Tem uma educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro... Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudá num doutor, num professor, num sujeito de muita valia?”

Na explicação do caipira Antônio Cícero (BRANDÃO, 1987, p.7-10; 197-198), há uma educação que vem da cidade e outra que ele vê nas pessoas simples da roça. Para ele, a primeira é cheia de “recursos”, acompanhada de “professor fino” de “roupa boa”, “estudado”, com material novo “tudo muito separado”, caracteriza-se num “estudo de escola que muda gente em doutor”. Mas é um estudo difícil de ser compreendido para quem é da roça, cuja “mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada”. Acaba tornando-se um “saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali”, numa escolinha “cai-não-cai num canto da roça”, com uma professora “dali mesmo”. Para as pessoas do interior estudar na escola “é de pouca valia, porque o estudo é pouco não serve pra fazer da gente um melhor!” Torna-se distante da realidade de quem enfrenta o trabalho pesado, cria apenas uma ilusão de mudança. Para ele, “escola desse jeito ensina o mundo como ele não é”!

A distância entre a escola e a população rural é apresentada no estudo que Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p.82-83) faz em diversos bairros rurais no interior de São Paulo. Para a autora, a educação primária é exógena ao meio rural e os educadores organizam-se seguindo sempre um “mesmo modelo e ministram os mesmos conhecimentos”, além de depender de instituições urbanas. Sua ação educativa sofre prejuízos por dirigir-se apenas às crianças durante um tempo bastante limitado. Não consegue exercer influência para “integrar efetivamente” a população rural “numa sociedade global mais ampla”. Apesar de “adaptada à vida dos bairros e aceita sem reservas” por seus habitantes, a escola muitas vezes não tem “utilidade efetiva” para as pessoas às quais se destina: “há falta de função real desempenhada pela instrução na existência quotidiana”, de onde muitos concluem que para os que vivem na roça não é preciso saber ler nem escrever.

No dizer de Antônio Cícero, os meninos da roça aprendem, segundo o costume, a cultura, o ser e o fazer do meio onde vivem. As crianças aprendem “no seguir do acontecido”, não apenas uma lição formal da escola, mas também um saber com uma lição escondida que não esquecem jamais, uma educação ligada às suas tradições.

Ele fala da força que a educação poderia ter se soubesse juntar o “saber de escola” com o “saber do povo da roça”, num “saber completo”. Nessa união é preciso entender que há saberes

importantes que precisam ser reconsiderados, “pra toda a gente saber de novo o que já sabe, mas pensa que não”. Nesses saberes, há segredos “que a escola não conhece”.

Considerar a diversidade e integrar as diferentes visões de mundo presentes nas escolas é um desafio para a educação. É um trabalho de abertura para que tais grupos possam aprender. Importante compreender as pessoas e a diversidade das manifestações culturais, nas situações particulares que expressam valores e visão de mundo, características de um grupo cultural contraposto a outro. Sobretudo, aprender com eles o que eles têm para ensinar.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **A questão política da educação**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.8.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1980. ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ERNY, P. **Etnologia da Educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. HELVÉCIA, H. Diálogo entre as diferenças. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29 out 2002, Sinapse. p. 19.
- IGNOTI, S. O porto seguro. **Vir a ser**. Londrina, n. 3, 1999. p. 36-37.
- MORAIS, R. **O que é ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PANTOJA, A. **Fragments de um discurso sobre a educação como cultura**. Disponível em: <<http://www.cenap.org.br>>. Acesso em 1 nov. 2002.
- PORTO, M.R.S. Cultura e complexidade social: perspectivas para a gestão escolar. In: TEIXEIRA, M.C.S.; PORTO, M. R. S. (Org.). **Imagens da cultura: um outro olhar**. São Paulo: Plêiade, 1999. p.91-93.
- QUEIROZ, M. I. P. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural- cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1973. p. 82-83.
- SAINT-EXUPERY, A. **O pequeno príncipe**. 36.ed. São Paulo: Agir, 2000.
- TURQUINO, G. B. **Estilo urbano em escola rural?** Um estudo comparativo de duas realidades culturais de Londrina. 2003. 159p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 Socialização – Desenvolvimento do sentimento coletivo, da solidariedade social e do espírito de cooperação nos indivíduos associados. Processo de integração mais intensa dos indivíduos no grupo.
- 2 Endoculturação – Processo de aprendizagem de comportamentos culturalmente aceitos. <<http://www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/vol03/09/gisele.htm>> para saber mais sobre endoculturação.
- 3 Aculturação – Processo de transformação e perda da cultura de origem, ligado a fatores exógenos e influências de outro grupo cultural dominante. Para saber mais, acessar: <http://www.fb.org.br/indigena/2003_acult.asp>. São as mudanças culturais iniciadas pela junção de dois ou mais sistemas culturais. Pode ser consequência da transmissão cultural direta, pode ser derivada das causas não culturais, tais como modificações ecológicas e demográficas induzidas por um choque cultural; pode ser retardada por ajustamentos internos seguindo-se uma aceitação de traços ou padrões estranhos; ou pode ser uma adaptação em reação aos modos tradicionais de vida. <http://www.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades_foco/anteriores/humanidades_1/html/sociedade_aculturacaoindigena.htm>.
- 4 Uma leitura sugestiva sobre a cultura do meio rural e do meio urbano na escola em: TURQUINO, G. B. *Estilo urbano em escola rural? Um estudo comparativo de duas realidades culturais de Londrina*. 2003. 159p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- 5 Enculturação – É um processo educativo por meio do qual os indivíduos apreendem os elementos da sua cultura, quer informal, quer formalmente, por toda a vida. Para saber mais: <<http://criarmundos.do.sapo.pt/Antropologia/pesquisaantropologia01.html#cultural>>.